

Uma opção pela alegria

«A alegria do coração: eis a tua vida. Deixa a tristeza!» Este apelo de um crente que viveu muitos anos antes de Cristo dirige-se também hoje a nós. Nas nossas vidas, passamos por provações e sofrimentos, por vezes durante longos períodos. Contudo, gostaríamos sempre de tentar reencontrar a alegria de viver. (Irmão Alois, Carta do Chile)

Moses (Quénia)

Pessoalmente, tem-me sido difícil abraçar a alegria nas minhas actividades do dia-a-dia, depois de ter perdido dois membros da minha família num curto espaço de tempo. Perguntava-me o que se estava a passar na minha vida. Na igreja, rezei e pedi a Deus para me conservar alegre e, de facto, a alegria regressou a mim e à minha família. É difícil encontrar alegria quando se vive de acordo com o mundo, uma vez que a alegria é um dom de Deus.

Por isso, ao seguirmos os seus mandamentos, somos tocados pela alegria de Deus, desejada por todos os homens neste mundo. Somos chamados a levar a alegria aos outros, uma vez que somos a luz do mundo; por isso, deixemos que a nossa luz chegue a todos. Podemos partilhar a nossa alegria tal como partilhamos a luz em Taizé, nos sábados; para mim, o sinal da luz pascal teve um grande impacto na minha vida e retirei dele muita força, uma vez que sabia o que isso significava para a minha vida. Que o nosso Deus derrame a alegria na nossa vida – é dela que precisamos na nossa vida moderna.

O que leva à realização de uma vida humana não são os feitos espectaculares, mas a alegria serena que toca as profundezas do coração. O carácter inacabado de toda e qualquer vida, os golpes e os sofrimentos não desapareceram, mas também não sufocam a serenidade. (Nota 2)

Ryan (Estados Unidos da América)

«Uma opção pela alegria» pode parecer, à primeira vista, uma simples reacção contra a depressão ou a tristeza. Na verdade, trata-se de fazer uma escolha voluntária pela alegria. Com demasiada frequência, instalo-me no conforto do meu bom humor, sem reflectir. Mas, quando essa felicidade parece ir-se embora, tomo consciência do facto de que eu dependia inteiramente da minha emoção efémera.

Fazer uma opção pela alegria que vem de Deus exige, por isso, passar do irreflectido ao consciente. Em vez de imaginar que tenho direito à felicidade, posso agradecer a Deus porque, neste momento, tudo é luminoso. Então, recordo-me de que a minha esperança não reside nas circunstâncias exteriores ou no meu estado de espírito. Recordo-me de que a razão do meu agir não deve ser interessada e que não vivo apenas para a minha pequena felicidade. Contudo, ainda que este bom humor apenas seja provisório, isso não significa que ele seja mau. Simplesmente, não é esse o objectivo ao qual aspiro. E, então, rezo para que, quando me encontro na obscuridade, eu não procure às cegas a luz que vem do mundo, mas me alegre com a luz que vem do alto.

Por vezes, os que conhecem a pobreza e a privação conseguem ter uma alegria de viver muito espontânea, uma alegria que resiste ao desalento.

Maria Laura (Argentina)

A alegria dos que vivem na pobreza foi sempre um mistério para mim. Com 15 anos, o meu caminho cruzou-se com o dos pobres, primeiro como membro de uma comunidade missionária, e hoje, dez anos depois, com o meu movimento de jovens cristãos. Comprometemo-nos na procura da justiça social e já não posso abandonar esse ideal – depois de ter tomado consciência de todos os direitos que a nossa sociedade esquece.

Estranhamente, depois de ter partilhado com eles situações de tristeza profunda e de impotência, depois de ter visto pessoas feridas e sofridas, resignadas e desiludidas, solitárias e sem alento, senti com elas a alegria de viver, porque foram essas mesmas pessoas que me mostraram que, no meio do desespero, de situações de dolorosa injustiça, Deus as acompanha todos os dias. Elas sabem que Deus as apoia nas suas lutas quotidianas e as ajuda a sobreviver, mesmo quando as forças lhes faltam. Levantam-se todos os dias com a confiança viva de que Deus está no meio delas e que as ama profundamente. Essas pessoas mostram-no através de pequenos gestos: a atenção que uma mãe dá ao seu filho que cresce, as crianças que partilham o pouco que têm com os irmãos mais novos, os jovens que se juntam para dançar, as mulheres que se ajudam umas às outras e que

desatam a rir numa reunião, as pessoas idosas que trabalham juntas e cujos olhos começam a pestanejar, as pequenas conversas profundas acompanhadas de um chá partilhado, uma oração no meio da aldeia. Nesses momentos de comunhão simples, descobri um Deus que convida cada um a tirar o melhor de si e a entregar-se aos outros, um Deus que se manifesta no que há de mais simples e de mais pequeno. Essas pessoas são capazes de esperança, de acolher, de tornar a vida fecunda, de rezar, de lutar, de festejar, de alimentar, de amar. Chamam-me a viver em comunhão, a partilhar o pão do pobre, bem como a sua fome.

Graças a elas, aprendi que a felicidade não é uma procura pessoal, mas uma comunhão de corpo e sangue, de vida e de morte, de dor e de esperança, daquilo que é teu e do que é meu. Hoje, quero estar no meio dos pobres, porque apenas juntos encontramos a alegria de viver.

O amor que nos é dado faz nascer uma felicidade que preenche aos poucos as profundezas da alma. E somos assim levados a seguir uma opção consciente pela alegria.

Rosalía e Pablo (Espanha)

Durante o Verão de 2005, à porta da igreja da Reconciliação, onde milhares de jovens esperavam que começasse a celebração das exéquias do irmão Roger, Deus quis que os nossos caminhos se cruzassem. Algumas horas mais tarde, já sabíamos que esse imenso presente mudaria os nossos planos e as nossas vidas, porque os projectos de Deus são mesmo assim: surpreendentes e belos.

Desde aqueles primeiros dias partilhados na colina, há uma expressão que ressoa nos nossos corações: a simplicidade de vida. A simplicidade atraía-nos fortemente e decidimos seguir essa intuição, comprometer-nos a viver juntos uma vida muito simples. É essa experiência que nos faz redescobrir todos os dias a simplicidade do quotidiano, a beleza do essencial, a riqueza de ir ao encontro do outro e de estarmos prontos para o imprevisto.

Hoje, mais de cinco anos depois, é esta a nossa opção pela alegria. E, agora, como casal que espera o seu primeiro filho, é grande a nossa gratidão por esta descoberta, que vivemos como um dom de Deus.

O Espírito Santo depositou a alegria de Cristo ressuscitado nas profundezas da nossa alma. Essa alegria não está presente apenas quando tudo é fácil. Quando deparamos com uma tarefa exigente, o esforço pode reanimar a alegria.

Jessa (Filipinas)

O meu país está a sofrer muito por causa da crise económica; muitas pessoas e famílias vivem na pobreza. Nem todas as famílias têm três refeições por dia, mesmo refeições sumárias. Algumas famílias têm de alimentar de sete a nove filhos, sem terem trabalho estável nem subsídios. Contudo, vê-se que as pessoas, apesar da sua triste realidade, conseguem sorrir e continuar a sua vida. Financeira e materialmente não temos muito, mas olhamos para o lado bom das coisas. Damos mais importância ao essencial e assim fazem também as nossas famílias, os nossos amigos e as pessoas que estão à nossa volta e que cuidam de nós. Sim, de facto não temos riqueza material, mas damos mais atenção ao que nos é dado gratuitamente na vida e isso torna-nos pessoas alegres.

A opção pela alegria é verdadeiramente uma escolha. As pessoas têm fé e confiança. Como os jovens do meu país, também eu vivo assim: procuro ser positiva, optimista e sei que, apesar de tudo, Deus estará sempre ao pé de mim.

O teólogo ortodoxo Alexandre Schmemmann escreveu: «Alegria por causa de nada, mas ainda assim alegria; alegria pela presença de Deus e pelo Seu toque na alma. E a experiência deste toque, desta alegria, determina o curso, a direcção do pensamento, a relação com a vida.» (Nota 3)

Fiodar (Bielorrússia)

Por vezes, ao lermos os escritos de um autor, vemos desenrolar-se um fio condutor, um estado de espírito, não ligado a ideias ou temas, mas uma espécie de luz que se reflecte nas suas diferentes obras. Nos escritos do Pe. Alexandre Schmemmann esse fio condutor, essa luz... é a alegria. Ele é verdadeiramente «o apóstolo da alegria».

Depois de ter acabado de ler o seu Diário, uma alegria do Evangelho, no Espírito Santo, permaneceu presente dentro de mim. Por vezes, ele lamenta-se, outras vezes critica severamente a Igreja e o mundo – contudo, a sua crítica refere-se sempre à falta de alegria, à incapacidade de a igreja ou do mundo se alegrarem. O Pe. Alexandre escreveu que a recusa da alegria está na «origem de uma falsa religião». «É impossível saber que Deus existe e não ficar alegre».